



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM- 27 a 28 de agosto de 2007

## **Representações sociais dos agentes de viagens de turismo na natureza e dos gestores das unidades de conservação do Pólo de Ecoturismo da Ilha de Santa Catarina: reflexões sobre o planejamento e o desenvolvimento do ecoturismo<sup>1</sup>**

Fernando Protti Bueno<sup>2</sup>  
UNESP – Universidade Estadual Paulista

### **Resumo**

O presente artigo objetivou analisar as representações sociais dos atores sociais envolvidos (agentes de viagens e gestores de unidades de conservação) no processo de planejamento e desenvolvimento do ecoturismo no Pólo de Ecoturismo da Ilha de Santa Catarina (PEISC). Adotaram-se como procedimentos metodológicos, para a coleta de dados, o método qualitativo e as técnicas de pesquisa bibliográfica, documental e de entrevista estruturada, bem como, as técnicas de análise documental e do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), para a análise dos dados coletados. Os resultados evidenciam discursos (representações) sobre ecoturismo, que possivelmente pautam as práticas sociais desses atores, relacionados às idéias de sustentabilidade, de práticas de mínimo impacto, de caráter educativo, de uma íntima relação entre homem e natureza e da banalização do termo.

**Palavras-Chave:** representações sociais; ecoturismo; agentes de viagens; unidades de conservação; Pólo de Ecoturismo da Ilha de Santa Catarina.

### **Introdução**

O ecoturismo, enquanto um segmento de mercado turístico e enquanto uma atividade humana realizada em ambientes supostamente naturais, é considerado pela TIES<sup>3</sup> (2000 *apud* MASTNY, 2002) e pela OMT<sup>4</sup> (2003) como o segmento turístico que possui o melhor índice de crescimento (20% a 30% ao ano) e como uma tendência para o mercado turístico, pois busca as áreas naturais protegidas com o intuito de contemplação da natureza e de desenvolvimento de atividades relacionadas à aventura.

Essa pesquisa se pauta nos pressupostos de Pires (2002) e Serrano (2000), pois considera o ecoturismo como um segmento derivado do turismo na natureza ao envolver um

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao GT - Interfaces com o Desenvolvimento, a Cultura e o Meio Ambiente do IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo.

<sup>2</sup> Graduado em Turismo pelo Unibero, mestre em Turismo e Hotelaria pela Univali e docente do curso de Turismo da Unesp – Universidade Estadual Paulista – Campus Experimental de Rosana – E-mail: prottimarx@yahoo.com.br

<sup>3</sup> The International Ecotourism Society.

<sup>4</sup> Organização Mundial do Turismo.



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM- 27 a 28 de agosto de 2007

conjunto variado e pouco definido de atividades turísticas posicionadas na interface entre o turismo e o meio ambiente, principalmente, o natural. E também por considerar o ecoturismo como uma pluralidade de termos e conceitos relacionados ao turismo na natureza, sugerindo que este seja uma idéia guarda-chuva que envolve inúmeras atividades, como por exemplo, o *rafting*, o *rappel*, as escaladas, o mergulho, o *trekking*, a observação de fauna e flora, entre outras.

Diante desses pressupostos, vislumbra-se algumas das possíveis características relacionadas as atividades de ecoturismo. Ademais, salienta-se que o ecoturismo possui um potencial de conservação da natureza e um caráter educativo, que demonstram a importância dessa atividade tanto aos destinos turísticos, quanto aos seus praticantes. Desse modo, entende-se que os atores envolvidos no processo de planejamento e desenvolvimento do ecoturismo de um destino devam idealizar essa atividade sob uma mesma perspectiva. Em função disso, questiona-se: qual é a perspectiva dos indivíduos envolvidos no processo de planejamento e desenvolvimento do ecoturismo? Como pensam/idealizam o ecoturismo e supostamente o seu desenvolvimento?

Diante desses questionamentos, a presente pesquisa teve por objetivo analisar as representações sociais dos atores sociais envolvidos (agentes de viagens e gestores de unidades de conservação) no processo de planejamento e desenvolvimento do ecoturismo no Pólo de Ecoturismo da Ilha de Santa Catarina (PEISC).

A pesquisa limitou-se a analisar esse objetivo sob o ponto de vista dos atores sociais envolvidos com a atividade de ecoturismo do PEISC (agentes e operadores do turismo na natureza; e gestores e ou responsáveis pelas unidades de conservação) por compreendê-los como intermediadores das relações entre o turista e os atrativos naturais e como um dos responsáveis pelo desenvolvimento de atividades de ecoturismo, e também por compreendê-los como os possíveis responsáveis pelo planejamento e pelo desenvolvimento do ecoturismo em áreas naturais, supostamente os espaços naturais propícios para o desenvolvimento do ecoturismo (respectivamente).

Essa análise também se limitou ao espaço geográfico que compreende o PEISC, sendo que nas considerações de Magalhães (2001) este pólo está localizado na Região Sul do Brasil, mais especificamente na Ilha de Santa Catarina e compreende a cidade de Florianópolis e seu entorno, sendo delimitado pela disposição geográfica das unidades de conservação existentes na região de entorno, tendo ao norte a Reserva Biológica do Arvoredo,



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM- 27 a 28 de agosto de 2007

a noroeste a Área de Proteção Ambiental de Anhatomirim e ao sul o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro. A partir dessa disposição geográfica estão também inseridas no pólo as unidades de conservação localizadas na Ilha de Santa Catarina, conforme pontua a tabela da Fatma (2004).

Em relação às unidades de conservação, adotou-se o conceito definido pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação – SNUC (BRASIL, 2000), sendo que Ceballos-Lascuráin (2002) corrobora com as idéias dessa definição quando cita que as áreas naturais protegidas podem ser consideradas privilegiadas para o desenvolvimento do ecoturismo, pois mantém grande parte da biodiversidade conservada, constituindo assim, as grandes atrações tanto para os habitantes do local quanto para os turistas.

Pressupõem-se como resultados da pesquisa que a representação social dos atores envolvidos com ecoturismo no PEISC possa pautar suas atividades práticas e, com isso, vislumbrar como tem sido planejado e desenvolvido o ecoturismo nesse espaço.

### **Concepções sobre o ecoturismo**

O ecoturismo, enquanto uma atividade, caracteriza-se por viagens realizadas em meio à natureza, ou também chamada, de meio ambiente natural, utilizando-se predominantemente dos recursos naturais como forma de atração turística, o que se constitui como matéria-prima para o desenvolvimento do ecoturismo.

Já enquanto segmento turístico, Pires (2002) afirma que o ecoturismo representa um segmento derivado do turismo na natureza, que caracteriza-se por viagens que colocam os turistas em contato com os atrativos naturais com a intenção de diferenciar-se do turismo convencional massificado, produzido em larga escala, ávido por lucros elevados e indiferente a deterioração ambiental.

O turismo na natureza ocupa espaço na expressão ‘turismo alternativo’, que segundo Pires (2002, p. 111) pode ser entendida como uma expressão “[...] impregnada de anseios e ideais de mudanças e inovação do turismo convencional de massas, ou ainda como estandarte dos movimentos e ações pioneiras nesse sentido [...]” e como “[...] chave designativa de um turismo diferenciado em relação ao convencional ou tradicional [...]”.

A partir disso, Pires (2002, p. 139, grifos do autor) afirma que se tem uma variedade de tipos alternativos de turismo que evidenciam alternativas turísticas ao turismo



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM- 27 a 28 de agosto de 2007

convencional, como turismo participativo, turismo responsável, turismo suave/brando, turismo ambiental, turismo sustentável, turismo ecológico, turismo baseado na natureza, ecoturismo e turismo rural. Desse modo, salienta que o ecoturismo

[...] surge e se impõe como uma ‘rotulação’ ampla e indiscriminadamente utilizada para representar um conjunto variado e não bem definido de atividades e atitudes no campo das viagens turísticas, que se posicionam na interface *turismo-ambiente*, este último compreendo especialmente ambientes naturais pouco alterados e culturas autóctones presentes em seu entorno.

Serrano (2000, p. 208, grifo do autor) detecta uma pluralidade de termos e conceitos tratados sobre o turismo em áreas naturais, o que sugere que o ecoturismo seja

[...] uma idéia ‘guarda-chuva’, pois envolve uma multiplicidade de atividades como trekking, hiking, escaladas, rappel, espeleologia, mountain biking, cavalgadas, mergulho, rafting, floating, kayaking, vela, vôo livre, paragliding, balonismo, estudos do meio, safári fotográfico, observação de fauna e flora, pesca (catch-release), turismo esotérico e turismo rural [...].

Devido a diversidade de termos e de atividades que o ecoturismo concentra, Fennell e Eagles (1990 *apud* FENNELL, 2002) elaboraram um espectro da atividade turística com a intenção de estabelecer potenciais e significativas diferenças entre as atividades desenvolvidas em meio a natureza, tais como viagem de aventura, ecoturismo e turismo de massa na natureza.

Fennell (2002, p. 61) considera que “[...] a preparação e o treinamento, os resultados e riscos conhecidos/desconhecidos, a certeza e a segurança são variáveis que podem ser usadas para diferenciar essas formas de turismo”, assim como, esses “[...] três tipos de atividades não são mutuamente excludentes; o ecoturismo pode compartilhar alguns elementos das outras duas experiências e permanecer distinto do turismo de massa e do turismo de aventura”.



A partir disso, Ramos (2005) adaptou e completou esse espectro, conforme mostra a figura 1, estabelecendo as distinções entre o turismo na natureza, o ecoturismo e o turismo de aventura, e ressaltou que para a identificar e a classificar qualquer uma das atividades supracitadas é necessário analisá-las de acordo com o contexto do planejamento e da logística operacional em que determinada viagem ou atividade estejam inseridas.

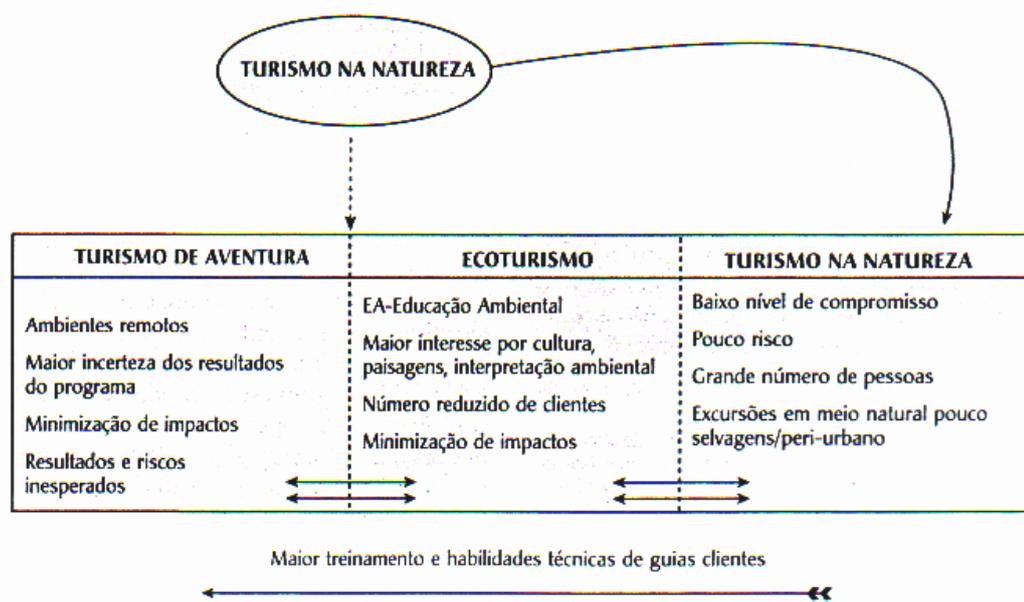


Figura 1 – A velha-nova concepção – mercado mutante  
Fonte: Ramos (2005, p. 475)

Além desses contextos, Ramos (2005, p. 475) explicita que “quanto menos intensa no sentido de esforço e mais educativa no sentido de interpretação do ambiente visitado, mais próxima a atividade estará do ecoturismo”, bem como, “[...] quanto mais imersiva, incerta, de risco e com o componente de ‘adrenalina’, mais próxima essa atividade estará dos elementos que definem a aventura”. Também destaca que “[...] quanto menor a logística somada à menor habilidade específica requerida e menor a necessidade de segurança da atividade, mais próxima estará do turismo na natureza, em que os clientes terão baixo compromisso com as atividades e as questões ambientais”.

Para finalizar, esse autor (Ibid.) lembra que essas classificações podem e devem ser observadas de forma não excludente e evidencia que ao observar-se o espectro da direita para a esquerda evolui-se no desenvolvimento da educação ambiental, o que aproximará a atividade do ecoturismo, assim como, será mais elevado o risco e as habilidades específicas e, juntamente com a incerteza, aproximará a atividade do turismo de aventura.



**ANPTUR**

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

*IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM- 27 a 28 de agosto de 2007*

Portanto, a partir dos referenciais expostos tem-se a intrínseca relação e uma não consensual delimitação que varia de caso para caso, de tipologias de atividades e de seus conteúdos entre o turismo de natureza, o ecoturismo e o turismo de aventura. Constata-se assim, a interface turismo-ambiente evidenciada por Pires (2002) e a idéia guarda-chuva de Serrano (2000), o que sugere que os ambientes e as atividades relacionadas a natureza ou a aventura possivelmente configuram as características e, conseqüentemente, as bases dos princípios relacionados a um contexto de ecoturismo.

### **Procedimentos Metodológicos**

O fenômeno social denominado turismo na visão de Dencker (2001), não constitui uma ciência com um campo de princípios devidamente organizado e definido, passando assim, a ser compreendido como uma área de estudo que utiliza métodos e conceitos advindos de outras ciências sociais já consolidadas.

Para compreender o processo de desenvolvimento do fenômeno turístico é necessário analisá-lo diante de suas complexas inter-relações ocorridas entre os sujeitos sociais, os setores econômicos e suas implicações ao meio ambiente. Afinal, como evidenciam Beni (2003) e Dencker (2001) o turismo possui um campo de estudo abrangente, complexo, pluricausal e interdisciplinar.

Assim, no intuito de atingir o objetivo dessa pesquisa adotaram-se como procedimentos metodológicos o método qualitativo e as técnicas de pesquisa bibliográfica, documental e de entrevista estruturada para coleta de dados, além das técnicas de análise documental e do Discurso do Sujeito Coletivo, para a análise dos dados.

As técnicas bibliográfica e documental foram utilizadas na coleta de materiais acerca das temáticas da pesquisa, sendo analisadas por meio da técnica de análise documental (RICHARDSON, 1999). Além disso, utilizou-se a técnica de entrevista estrutura com perguntas abertas, para a coleta de dados junto às agências e operadoras de turismo na natureza do Pólo de Ecoturismo da Ilha de Santa Catarina (PEISC) e junto aos gestores das unidades de conservação que formam o Pólo supracitado, com o intuito compreender as suas representações sociais sobre ecoturismo.



No segmento de agências e operadoras de viagens, essa técnica de entrevista contemplou a aplicação de um roteiro de entrevista<sup>5</sup> em diálogos realizados com 05 (cinco) agentes e operadores<sup>6</sup>, do segmento de turismo na natureza, do PEISC. Esses atores sociais foram selecionados com base nos dados disponíveis em ABAV (2006), Guia Floripa (2006a e b), Guia Panrotas (2005) e Picasso (2005), sendo que a escolha destes, justificou-se pelo fato de que no ecoturismo as agências e operadoras do segmento de turismo na natureza exercem importante papel na intermediação da comunicação entre o turista e o destino, bem como, no desenvolvimento e planejamento de atividades relacionadas ao ambiente natural que compõe determinado destino turístico.

Inicialmente, nessa base de dados que serviu para a escolha desses atores sociais entrevistados, constava um universo de 18 (dezoito) agentes e operadores relacionados ao turismo de natureza (ecoturismo), por conterem em seus nomes e ou descrições institucionais palavras elucidativas desse segmento, tais como ecoturismo, turismo na natureza, aventura, *rafting*, *rappel*, entre outras. Das 18 (dezoito) possíveis entrevistas primeiramente identificadas, foram realizadas 07 (sete) entrevistas efetivas, sendo que 02 (duas) destas não se enquadravam no perfil proposto, fato que acarretou a consideração de apenas 05 (cinco) das entrevistas realizadas na resolução dos objetivos estabelecidos para a pesquisa.

Em relação às demais agências e operadoras, cabe salientar que a técnica de análise das entrevistas (a ser delimitada posteriormente) evidencia o trabalho com dados qualitativos e, por isso, é dispensável um número estatisticamente representativo da amostra em relação ao universo. É evidente também, que há a possibilidade de se trabalhar com uma grande amostra em pesquisas qualitativas mas, especificamente nesse caso, a amostra de 03 a 05 entrevistados configuraria uma representação real do mercado de agências e operadoras de turismo na natureza do PEISC e, portanto, representativa deste universo de atores sociais.

Já no caso dos gestores e ou responsáveis pelas unidades de conservação do PEISC, o universo da pesquisa foi composto pelo número estatístico de 32 unidades de conservação que formam o pólo e, para tanto, aplicou-se um roteiro de entrevista<sup>7</sup> aos gestores<sup>8</sup>

<sup>5</sup> A aplicação desse roteiro de entrevista continha quatro questões, mas para efeito de análise desse artigo, serão apresentados apenas os resultados obtidos na análise de uma das questões.

<sup>6</sup> Como forma de resguardar a integridade da pesquisa e evidenciar o seu caráter ético, adotou-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

<sup>7</sup> A aplicação desse roteiro de entrevista continha oito questões, mas para efeito de análise desse artigo serão apresentados os resultados obtidos por meio da análise de uma questão.

<sup>8</sup> Como forma de resguardar a integridade da pesquisa e evidenciar o seu caráter ético adotou-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.



responsáveis pela amostra de 13 unidades de conservação, administradas conforme as esferas do setor público (FATMA, 2004), nas respectivas instituições Floram – Fundação Municipal de Meio Ambiente de Florianópolis (9 unidades de conservação), Fatma – Fundação do Meio Ambiente (1 unidade de conservação) e Ibama – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos (3 unidades de conservação).

Ressalta-se que esse pólo também é composto por unidades de conservação administradas por outras instituições, mas a opção de restringir-se às unidades de conservação administradas por essas esferas do poder público, deu-se pelo fato destas unidades de conservação representarem a maioria do universo da pesquisa e por possibilitarem uma real representação dos destinos (unidades de conservação) utilizados pelo e para o ecoturismo.

Dessa forma, para a análise dos dados obtidos por meio das aplicações desses roteiros de entrevista, utilizou-se a técnica de análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), proposta por Lefèvre e Lefèvre (2003), que visa obter discursos (respostas) advindos da expressão subjetiva (consciência) do entrevistado, por meio da aplicação de perguntas abrangentes (abertas). Os autores (Ibid., p. 15-16) salientam ainda que o discurso do sujeito coletivo

[...] é uma proposta de organização e tabulação de dados qualitativos de natureza verbal, obtidos de depoimentos [...]. A proposta [...] consiste [...] em analisar o material verbal coletado extraindo-se de cada um dos depoimentos [...], as idéias centrais e/ou ancoragens e as suas correspondentes expressões-chave; com as expressões-chave das idéias centrais ou ancoragens semelhantes compõe-se um ou vários discursos síntese na primeira pessoa do singular<sup>9</sup>.

Após a seleção e identificação das expressões-chave (ECH), das idéias centrais (IC) e das ancoragens (AC) passa-se a elaborar o ou os DSC, compreendido por estes autores (Ibid., p. 18) como “[...] um discurso-síntese redigido na primeira pessoa do singular e composto pelas ECH que têm a mesma IC ou AC”.

Por fim, Lefèvre e Lefèvre (2003, p. 19) salientam que com o DSC

[...] os discursos dos depoimentos não se anulam ou se reduzem a uma categoria comum unificadora já que o que se busca fazer é reconstruir, com

<sup>9</sup> Para uma melhor compreensão da técnica do Discurso do Sujeito Coletivo, bem como, do processo de seleção das expressões-chave, das idéias centrais e das ancoragens, e transformação dos discursos individuais em discursos coletivos, indica-se a leitura da obra de LEFÈVRE e LEFÈVRE (2003).



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM- 27 a 28 de agosto de 2007

pedaços de discursos individuais, como em um quebra-cabeça, tantos discursos-síntese quantos se julgue necessários para expressar uma dada 'figura', ou seja, um dado pensar ou representação social sobre um fenômeno.

Reigota (1998) corrobora com a temática da representação social, inferindo que as representações sociais estão relacionadas aos sujeitos de fora da comunidade científica, indicando que as formas de pensar relacionam-se a um processo histórico social que deve ser compreendido a partir de uma configuração social coletiva.

Considera-se assim, conforme pontua Moscovici (1976, 1978 *apud* REIGOTA, 1998, 2002), que a teoria da representação social seja compreendida como o conhecimento do senso comum que se tem acerca de um determinado tema, amplamente debatido pela ciência e reconhecido em espaço público, incluindo os preconceitos, as ideologias e as características sócio-culturais das pessoas.

Justifica-se assim, o uso da técnica do DSC como forma de detectar nos atores sociais entrevistados as suas expressões acerca do ecoturismo e, conseqüentemente, do planejamento e desenvolvimento dessa atividade no PEISC.

Permite-se com isso, balizar as análises pela crença de que a representação social desses indivíduos acerca dessas temáticas norteia suas práticas sociais. Portanto, após a aplicação das técnicas de pesquisa e a constatação de evidências teóricas e empíricas, realizou-se a interpretação dos dados e, conseqüentemente, de seus resultados.

## **Resultados**

A seguir, apresentam-se então, os Discursos do Sujeito Coletivo (DSC), provenientes dos atores sociais entrevistados, compostos pelo conjunto das expressões-chave das idéias centrais (ECHIC) e das expressões-chave das ancoragens (ECHAC). Os DSC estão organizados e separados pelo conjunto das idéias centrais (IC) antagônicas, vislumbradas em cada uma das respostas apresentadas às questões realizadas.

Atenta-se para o fato de que duas IC aparecerão compostas pela nomenclatura idéia individual entre parênteses, o que representa uma idéia antagônica mencionada apenas uma vez pelo grupo de entrevistados, não podendo ser complementada em nenhuma outra IC e, devido a sua importante representação, não pôde ser excluída. Salienta-se também, que LEFÈVRE e LEFÈVRE (2003) em nenhum momento tratam desse possível aspecto ou

característica na técnica do DSC, pressupondo-se assim, a possibilidade de sua consideração para as condições da presente pesquisa.

*Na aplicação dessa questão aos agentes e operadores de turismo na natureza do PEISC, teve-se a intenção de compreender o significado do ecoturismo, partindo-se do pressuposto de que a concepção que se tem dessa atividade se trata de uma representação social, ou seja, de uma concepção sobre o assunto, e isso possivelmente norteia a prática social desses indivíduo, e conseqüentemente, o planejamento e a execução da atividade por parte dos mesmos.*

*Questão – Para o Sr. (a) o que quer dizer ecoturismo?*

*DSC da IC A – íntima relação homem e natureza*

*É seria um turismo mais é junto a natureza né? e uma forma mais íntima, assim né? Pra mim, o ecoturismo além disso, envolve muito mais com o sentimento de descoberta que as pessoas, é... só passam a sentir a partir do momento que conseguem intimamente entrar em contato com a natureza. Busca talvez estreitar, assim um pouco, o... resgatar o contato do homem com a natureza, uma forma mais íntima, né?*

O discurso da IC A sobre a busca de pertencimento do homem ao meio ambiente natural, enquanto fruto da natureza, ou seja, um retorno às suas origens que está pautado em um sentimento de descoberta, ou melhor, de redescoberta dos sentidos e do potencial que a natureza tem na ruptura de formas de vida urbanas. O estabelecimento dessa relação mais íntima representa a possibilidade de uma relação harmoniosa, de respeito e cumplicidade com um dado espaço, provavelmente, em função da descoberta de seu pertencimento.

*DSC da IC B – sustentabilidade do ecoturismo*

*É uma prática de atividades ligadas à natureza, é uma integração com a natureza, é o respeito à natureza, então, é toda uma questão que você está se utilizando da natureza, você tá respeitando a natureza, você está integrado a natureza e você tá... é o seu limite e o limite da natureza, é o equilíbrio do que você consegue...de forma cuidada, elaborada, pensada, né? sincronizada até. É uma relação entre a sociedade, a parte econômica, a parte ambiental nas quais se tem como um dos principais objetivos a conservação da natureza, de forma que você tenha rendimentos, tenha lucros, né? que você prejudique de forma nenhuma o local. Aí a gente entra em toda essa questão de sustentabilidade né? de você garantir que isso seja mantido para as próximas gerações, enfim... Ecoturismo tá dentro de turismo sustentável, né? turismo sustentável é um círculo maior e ecoturismo se insere dentro dele. Dentro do ecoturismo se insere os esportes de aventura ou turismo de aventura, que permeiam os dois, dentro de ecoturismo e turismo sustentável.*



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM- 27 a 28 de agosto de 2007

Já o discurso da IC B remonta a idéia de que apesar da íntima relação existente entre homem e natureza, esta não é apresentada como um meio de equacionar as atividades, principalmente as econômicas, com a conservação do meio ambiente natural, por meio de seu desenvolvimento planejado, para que não haja degradação do local, sendo que o que se verifica na prática é muito mais a identificação das atividades como fonte de lucros e de rendimentos, configurando assim, o embate entre a sustentabilidade e o ecoturismo.

Apesar disso, a atividade de ecoturismo é apresentada pelo discurso como parte da vertente do turismo sustentável e como uma atividade potencialmente sustentável, que deveria efetivamente conciliar os interesses econômicos e a conservação da natureza.

*DSC da IC C – banalização do ecoturismo (idéia individual)*

*Eu acho que é complicado o fato como... a forma como o ecoturismo, a palavra eco foi banalizada, né? Hoje em dia assim, as pessoas se utilizam da palavra eco, ecologia, ecoturismo pra tá vendendo e pra tá criando uma imagem de que respeita a natureza, tudo isso.*

Na IC C há uma representação que em parte explica o embate entre a sustentabilidade e o ecoturismo, afinal, essa atividade tem sido desenvolvida muito mais em função de um modismo ambiental, de uma busca incessante por lazer e turismo nos espaços naturais e também, como meio para o desenvolvimento econômico, ao invés de ter a preocupação de ser uma atividade comprometida efetivamente com os seus reais benefícios de conservação da natureza e de melhoria da qualidade de vida da comunidade local. Isso gera, como mostra o discurso, a banalização da palavra, ou seja, a ampla divulgação de um termo que, para alguns, já não tem mais o mesmo significado que poderia ter.

*Na aplicação da mesma questão aos gestores e ou responsáveis pelas unidades de conservação do PEISC, teve-se também a intenção de compreender o significado do ecoturismo, pressupondo-se tratar de uma representação social que, possivelmente, nortearia a prática social desses atores e, conseqüentemente, o planejamento e a execução dessa atividade nas unidades de conservação.*

*Questão – Para o Sr. (a) o que quer dizer ecoturismo?*

*DSC da IC A – relação entre turismo, meio ambiente e mínimo impacto*



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM- 27 a 28 de agosto de 2007

*Seria essa relação do turismo ao meio ambiente, principalmente, natural, né? que enfatiza como atrativo as características naturais. Um turismo de mínimo impacto, um turismo que respeite o meio ambiente que degrade ele o mínimo possível, que vise a... eu acredito que seja a conservação da natureza.*

Inicialmente, tem-se no DSC da IC A a menção de que o ecoturismo constitui um turismo relacionado ao meio ambiente, principalmente o natural, mas também constitui um tipo de turismo que incorpora o desenvolvimento de práticas de mínimo impacto, visando a conservação da natureza do ambiente utilizado.

#### *DSC da IC B – banalização do ecoturismo*

*Essa palavra vem sendo utilizada de maneira aleatória, simplesmente, por agregar valor a um tipo de trabalho, então, tem alguns lugares que você usa a palavra ecoturismo pra dizer que você tá fazendo um turismo que se preocupa com a natureza e no fundo você só quer explorar a natureza. Tanto o cara que trabalha na cavalgada, tanto o cara que trabalha com trilha de moto no meio da selva, com a moto de dois tempos que polui pra caramba, o cara muitas vezes pode falar que é ecoturismo. Então, eu acho que estão acontecendo muitas distorções do que é ecoturismo mesmo e de quem faz realmente ecoturismo.*

Conforme já visto em um DSC do grupo dos agentes, a banalização desse termo e, conseqüentemente, da atividade de ecoturismo, também é vista no DSC da IC B pelo grupo dos gestores. Isso pode ter sido ocasionado, tanto pela pluralidade dos termos, quanto pela respectiva pluralidade de seus significados, o que evidencia um setor turístico ainda em busca de seus ideais teóricos, apesar destes já terem sido academicamente preconizados, mas ainda tem-se a busca de constatações práticas do que efetivamente seja ecoturismo. Esse posicionamento é visto na última frase do DSC que ao mesmo tempo que instiga, remete a uma reflexão do questionamento, afinal, quem efetivamente faz ecoturismo de acordo com o que é conceituado como ecoturismo?

#### *DSC da IC C – exploração sustentável do meio natural com o turismo*

*A exploração desse meio natural que nós temos hoje com o turismo, pra dali tirar o seu sustento. Uma coisa que seja econômica e ecologicamente sustentável do ponto de vista da atividade.*

Já no DSC da IC C o posicionamento sugere a idéia tanto de exploração do meio ambiente como recurso, como de uma atividade que ‘explora’ esse meio ambiente de modo sustentável, em função dos interesses e necessidades turísticas, ou seja, o ecoturismo embute



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM- 27 a 28 de agosto de 2007

na atividade uma noção econômica, ao mesmo tempo em que tenta manter ecologicamente sustentável o espaço explorado.

*DSC da IC D – ecoturismo como processo educacional (idéia individual)*

*Seria o turismo em áreas naturais com o processo educacional em conjunto, né? e também como o desenvolvimento das comunidades locais.*

Nesse último DSC da questão, tem-se um posicionamento diferente dos demais, pelo fato de apresentar o ecoturismo como atividade diretamente relacionada a um processo educativo, assim como, comprometida com o desenvolvimento da comunidade local.

### **Considerações Finais**

O ecoturismo além de representar economicamente um segmento do mercado turístico que se utiliza dos elementos da natureza para uma demanda ávida ao consumo da ‘beleza’ natural, também representa uma postura ideológica, que se afina aos ideais ambientalistas (conservacionistas ou preservacionistas), e uma atividade marcada por princípios éticos, educativos e sustentáveis.

No intuito de conciliar o equilíbrio da área econômica com a área ambiental (sustentabilidade), o ecoturismo tem apresentado conceitos, princípios e componentes que retratam uma possível incógnita quanto aos seus efetivos benefícios proporcionados em relação à conservação da natureza, ao desenvolvimento comunitário e também à promoção da educação.

Diante das faces de um turismo relacionado ao ambiente natural que congrega uma série de atividades esportivas, educativas, aventureiras etc, coloca-se em evidência a dificuldade de se estabelecer uma definição amplamente aceita e, conseqüentemente, de se planejar e desenvolver essa atividade.

Diante disso, essa pesquisa enfatizou as diversas e diferentes formas de pensamento provenientes de grupos sociais envolvidos direta e indiretamente no planejamento e desenvolvimento do ecoturismo no PEISC. Com isso, evidencia-se que atualmente tem-se um pensamento relacionado às temáticas ambientais muito mais em função de um posicionamento mercadológico do que de um posicionamento ideológico, e nesse sentido, as

concepções de ecoturismo por vezes buscam um reposicionamento frente as tendências turístico-econômicas globais.

Para tanto, entender as representações sociais (pensamentos e ideologias) dos atores sociais envolvidos no processo de planejamento e desenvolvimento do ecoturismo no PEISC, que nesse caso, constituiu-se dos agentes e operadores de turismo na natureza, e dos gestores e ou responsáveis pelos destinos de ecoturismo nesse pólo, conforme proposto pelo objetivo inicial da pesquisa, permitiu uma tentativa de compreensão de suas práticas sociais (atuação prática, reflexiva e profissional), e isso, conseqüentemente, proporcionou novas possibilidades de direcionamento das atividades ecoturísticas.

Em relação à pesquisa, há que se salientar também a importante contribuição proporcionada pela utilização da técnica de análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), que possibilitou uma multiplicidade de dados a serem analisados interdisciplinarmente, bem como, a evidência da representação social dos entrevistados que remeteu a condição de considerarem-se os discursos enquanto efetivas práticas sociais.

Entretanto, salienta-se que essa pesquisa foi realizada sem a condição de ser uma pesquisa de campo e, por isso, não se pode afirmar com veracidade as realidades das práticas ecoturísticas ocorridas no PEISC e, principalmente, nas unidades de conservação formadoras desse pólo, mas sim, vislumbrar as expressões dos entrevistados que nos remete a idéia de uma possível prática.

## Referências

ABAV – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE AGÊNCIAS DE VIAGEM. **Agências de viagens - Florianópolis**. Disponível em: <[http://www.abav.com.br/lista\\_ABAVs.asp?ABAVs=Florianópolis&uf=SC](http://www.abav.com.br/lista_ABAVs.asp?ABAVs=Florianópolis&uf=SC)>. Acesso em: 15 jan. 2006.

BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 9. ed. São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 2003.

BRASIL. Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. **Lex**: legislação federal. Brasília: DF; 2000. Disponível em: <<http://www.ibama.gov.br>> Acesso em: 23 out. 2005.

CEBALLOS-LASCURÁIN, Hector. O ecoturismo como um fenômeno mundial. *In*: LINDBERG, Kreg; HAWKINS, Donald E. (Org.). **Ecoturismo**: um guia para planejamento e gestão. 4. ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002, p. 23-29.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. 5. ed. São Paulo: Futura, 2001.

FUNDAÇÃO DO MEIO AMBIENTE (FATMA). **Tabela preliminar das áreas protegidas em Santa Catarina**. Santa Catarina, 2004.

FENNELL, David. **Ecoturismo**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2002.

GUIA FLORIPA. **Ecoturismo**. Disponível em: <<http://www.guiafloripa.com.br/servicos/passeios.php3>>. Acesso em: 15 jan. 2006a.

GUIA FLORIPA. **Agências de turismo**. Disponível em: <<http://www.guiafloripa.com.br/servicos/turismo.php3>>. Acesso em: 15 jan. 2006b.

GUIA PANROTAS. Agências assinantes (Florianópolis). **Guia Panrotas**. São Paulo, p. B 062, nov. 2005.

LEFÉVRE, Fernando. LEFÉVRE, Ana Maria Cavalcanti. **O discurso do sujeito coletivo**: um novo enfoque em pesquisa qualitativa. ed. ver. e ampl. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

MAGALHÃES, Guilherme Wendel de (Coord.). **Pólos de ecoturismo**: Brasil. São Paulo: Terragraph, 2001.

MASTNY, Lisa. Redirecionando o turismo internacional. In: WORLDWATCH INSTITUTE. **O Estado do Mundo, 2004**: estado do consumo e o consumo sustentável. Salvador: Ed. Uma, 2004, p. 117-146.

OMT – Organização Mundial do Turismo. **Guia de desenvolvimento do turismo sustentável**. Porto Alegre: Bookman, 2003.

PICASSO, Dorival Fernandes. **Diagnóstico da oferta no segmento de mercado das agências e operadoras relacionadas ao turismo na natureza na região do Pólo 2 de Ecoturismo em Santa Catarina**: Ilha de Santa Catarina. 2005. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria), Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú, 2005.

PIRES, Paulo dos Santos. **Dimensões do ecoturismo**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002.

RAMOS, Marcelo. Aventura e turismo de aventura: faces mutantes. In: TRIGO, Luiz G. G. (Edit.) **Análises regionais e globais do turismo brasileiro**. São Paulo: ROCA, 2005, p. 469-479.

REIGOTA, Marcos. **Meio ambiente e representação social**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

\_\_\_\_\_. As representações sociais na prática pedagógica cotidiana da educação ambiental . In: SAUVÉ, Luci (Org.). **Textos escolhidos em educação ambiental**: de uma América a outra - Tomo I. 2002, p. 123-128.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

SERRANO, Célia. O “produto” ecoturístico. In: ANSARAH, Marília Gomes dos Reis (Org.). **Turismo**: como aprender, como ensinar. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000, p. 203–234.